

Pastor, guardador de sonhos

Luís Pavão



[Rosalina Pastor]
Apúlia
1952
PT/AMLSB/ART/008474

«As noites, no Algarve, não foram feitas para dormir mas antes para sonhar»¹ Artur Pastor

Eis-me perante a folha de papel em branco. Que posso dizer hoje sobre Artur Pastor, passados 12 anos que observo, revolvo e seleciono as fotografias do seu fundo? Que foi um fotógrafo importante do século XX, precocemente e injustamente esquecido? Que foi um apaixonado pela fotografia, a que dedicou toda a sua vida? Que durante a sua longa carreira enalteceu o seu país e o seu povo, como poucos o fizeram? Que mostrou, como nenhum outro fotógrafo, a realidade agrícola deste país?

Posso dizer tudo isto, com a consciência de que não é o suficiente para transmitir a grandiosidade da obra que nos deixou e que hoje faz parte das coleções de fotografia do Arquivo Municipal de Lisboa, Arquivo Fotográfico.

O Fundo Artur Pastor

A presente exposição resulta da aquisição do Fundo Artur Pastor (1922-1999) à família do fotógrafo, pelo Arquivo Municipal de Lisboa, no ano de 2001, com o objetivo de o preservar e divulgar. Neste sentido, pretendemos disponibilizar o espólio na base de dados do Arquivo e na Internet, a fim de relembrar o trabalho de um dos grandes nomes da fotografia portuguesa do século XX. A exposição compõe-se de duas partes: no Arquivo Fotográfico apresentamos o

Fotógrafo Artur Pastor, os seus processos de trabalho e a sua evolução como fotógrafo; no Pavilhão Preto do Museu da Cidade, expomos Portugal de Artur Pastor e a sua visão do país.

O Fundo Artur Pastor, compreende toda a sua obra, que se encontrava em poder da família à data da sua morte, com exceção de algumas provas que, por acordo comum, permaneceram na família como recordação. Para além deste, existe um núcleo de negativos e provas (coladas em fichas de cartolina), que Pastor produziu enquanto funcionário do Ministério da Economia e que se encontram no centro de documentação do Ministério da Agricultura. O Fundo é constituído em traços largos pelos seguintes conjuntos:

1. Cerca de 15.000 negativos em película a preto e branco, em formato 6x6 cm, que produziu desde o início dos anos 40 e que chegam até cerca de 1974.
2. Cerca de 30.000 negativos a cor, 6x6 cm e principalmente 35 mm, posteriores a 1970 na sua maioria, em quantidade ainda por determinar, de levantamentos de monumentos, paisagens, pousadas, eventos.

¹ PASTOR, Artur – Algarve. Lisboa, Livraria Bertrand, 1965, p. 29.

3. Cerca de 10.000 diapositivos a cor, formatos 35 mm e 6x6 cm, a quantidade exata ainda por determinar.

4. Conjunto de 484 provas de autor, que constituíram a sua primeira exposição, Motivos do Sul em 1946, formatos 18x24 cm, coladas em cartolinas, numeradas e ornamentadas para a exposição.

5. Conjunto de cerca de 450 provas que constituíram a sua exposição, Fotografias de Artur Pastor, realizada no Palácio Foz, em Lisboa, de 4 a 15 Dezembro de 1970, provas coladas em cartão madeira, formatos 40x50 cm e outros.

6. Conjunto vasto de provas a cor, cromogénea, em formato 20x30 cm, em quantidade ainda por determinar, de estudo e preparação para publicações, com imagens de costa portuguesa, património edificado, paisagem, pousadas, cobrindo todo o país.

7. Conjunto de maquetes de projetos de livros, nunca publicados, dedicados a Lisboa (7 volumes), Óbidos (1), Évora (2), Sintra (4), Algarve (3), Braga (2).

8. Conjunto de provas de trabalho, formato 13x18 cm, sobre agricultura e investigação agrícola, realizadas no âmbito dos estudos para a Direção Geral dos Serviços Agrícolas.

9. Conjunto de documentação impressa, recortes de jornal, catálogos e folhetos das suas exposições, correspondência, notas e manuscritos pessoais.

Os primeiros anos

Pastor inicia a atividade fotográfica como amador, cerca de 1942 (com 20 anos). Os seus primeiros trabalhos, até 1946, mostram já um bom conhecimento da fotografia, um saber consolidado e um querer muito determinado, de alguém que não hesita, nem olha para o lado.

As fotografias da pesca do atum ao largo de Tavira, um dos seus primeiros trabalhos, de 1943 a 1945, foram realizadas possivelmente enquanto Pastor cumpria o serviço militar, pois foi incorporado em Tavira em Agosto de 1943, para o curso de Sargentos Milicianos de Infantaria.



[Copejo do atum]

Tavira

[1943-1945]

PT/AMLSB/ART/005604

Esta luta impressionante com a natureza apaixonou Pastor, que fotografou várias vezes o copejo. E logo aqui mostrou que fotografava muito bem. O copejo do atum era realizado no mar, mas à vista da costa, com uma armação fixa, de redes enormes constituindo um funil, que conduziam o atum para um copo onde ficava preso e onde era capturado manualmente. A armação era colocada na rota do atum, que se deslocava do Atlântico para o mar Mediterrâneo, para desovar. Atividade épica, de enorme arcaboço, que envolvia aldeias inteiras, o copejo do atum acontecia apenas no período do ano em que os enormes cardumes passavam próximo da costa Algarvia. Constituíam-se as campanhas do atum, trazendo povoações inteiras para a praia e uma enorme riqueza para a região, alimentando com o pescado a indústria das conservas do Algarve. Para Pastor este trabalho foi tão marcante, que anos mais tarde, insere várias destas imagens no livro Algarve, onde descreve detalhadamente esta faina do mar:

«Já corpos velozes tingem o mar de aparições súbitas, para logo se refugiarem amedrontados no fundo da rede. Os pescadores redobram de esforços, infatigáveis e o espaço diminui, lentamente. Agita-se a água. Distinguem-se perfeitamente os dorsos reluzentes, os rabos chapinhando em aflição. Nada protegerá os atuns, conduzidos para impiedosa e sangrenta carnificina. Os barcos reuniram-se num quadrado, Fechou-se o cerco. O peixe está pronto para ser copejado». PASTOR, Artur – Algarve. p. 56 e 57.

Estas fotografias constituem um dos seus primeiros trabalhos e parece-nos que o marcam, como autor, na forma como vai encarar a fotografia: o registo da ação direta, a frontalidade ao tema, o respeito e também a sinceridade e a paixão (ou talvez a obsessão) pelo seu assunto, vão acompanhá-los, a ele e à sua *Rolleiflex*, para sempre. Deste trabalho, um dos mais interessantes que realizou, temos apenas alguns negativos e provas. Pensamos contudo que a obra que produziu sobre o copejo do atum deve ser mais vasta, pois no espólio de Artur Pastor contamos cerca de 10 fotografias apenas. Pastor deslocou-se ao copejo do atum (provavelmente mais do que uma vez), é impossível não ter produzido mais imagens.

Motivos do Sul

Sempre de uma dedicação e atividade intensas, aos 24 anos Pastor reunia já um conjunto respeitável de imagens, o que lhe permite expor, no Círculo Cultural do Algarve em 1946, *Motivos do Sul*, exposição com cerca de 300 provas. A exposição passa depois para Évora, cidade onde residia e mais tarde para Setúbal. O seu olhar ainda muito jovem, revela-se deslumbrado e doce, mais poético do que realista. As temáticas escolhidas são o mundo rural, o trabalho rural e também a paisagem urbana. Pastor procura a harmonia, a poesia da natureza, a beleza natural e a simplicidade das coisas e do povo. Muito influenciado pela tendência pictoralista, apresenta o preto e branco com as provas viradas a sépia ou a azul, recorrendo

Paisagem de Novembro
Alentejo
[1943-1945]
PT/AMLSB/ART/050069

ao esfumado, aos céus dramáticos carregados de nuvens, ao contraluz, mantendo algum distanciamento em relação à realidade.

Entre as temáticas desta exposição, destacam-se os conjuntos notáveis do trabalho nas salinas, a pesca em Sesimbra, o copejo do atum ao largo de Tavira, os trabalhos agrícolas artesanais. As paisagens e algumas vistas urbanas são também interessantes. Os trabalhos agrícolas são um motivo fotográfico de eleição para Pastor. O curso de regente agrícola que frequentou em Évora desde muito novo (entrou com cerca de 11 anos) e concluiu em 1951, terá exercido alguma influência, na sua proximidade ao mundo rural. Pastor prefere mostrar as tarefas mais artesanais, geralmente mais pictóricas: as lavras com junta de bois ou mula, a sementeira e a ceifa manual, os pastores e os seus rebanhos, os transportes primitivos em carroça, o transporte do feno em carros de bois, a debulha manual na eira e a debulha mecânica com máquina a vapor, em imagens tão simples que por vezes são comovedoras. Veja-se o retrato do homem a semear, caminhando ao longo dos campos apenas com um saco ao ombro, ou a imagem

dos campos com várias juntas de bois a lavar. Parecem-nos saídas de um conto ilustrado para crianças. Parecem querer dizer-nos apenas ... eu vi isto, e isto, e isto ... Pastor constrói, com imagens simples, uma tipologia das atividades agrícolas, que se coaduna com a sua profissão de regente agrícola a missão de organizar, classificar e ordenar. Em alguns grupos de crianças e retratos de povo trabalhador, Pastor recorre ao dramatismo das vistas de baixo para cima, apostando na dignidade dos seus modelos, sem nunca cair no miserabilismo ou na denúncia social da pobreza, tendência que respeitará toda a vida.

As fotografias de atividades agrícolas são frequentes nesta época de fotografia amadora virada para os salões e concursos. Contudo, a proximidade que Pastor revela dos campos e das fainas agrícolas é singular e destacam-no dos seus congéneres. No seu género



Trigo ao solo
Beja, Alentejo
[1943-1945]
PT/AMLSB/ART/050079



[Lavra]
Inglaterra
[c. 1887]
Fotografia de Peter Henry
Emerson

MemoryPrints [Em linha]. London: Picture Cabinet Limited, [2014]. [Consult. outubro 2013]. Disponível na Internet: <http://www.memoryprints.com/image/14295/a-stiff-pull-photo-peter-henry-emerson>

Embelgando
Alentejo
[1943-1945]
PT/AMLSB/ART/050071

realista ou naturalista, as imagens ostentam uma simplicidade e uma proximidade ao assunto fotografado, que nos parecem janelas para o mundo rural. São descritivas e na sua naturalidade, têm qualquer coisa do fotógrafo britânico Peter Henry Emerson (1856-1936) e das imagens que produziu dos camponeses da região de Norfolk e Suffolk, East Anglia. Poderemos questionar se Pastor conheceria em 1946 o trabalho de Emerson, ou indagar sobre as influências que poderá ter tido no início da sua atividade. Como lhe chegaria a informação sobre outros fotógrafos? Possivelmente através de David Freitas, fotógrafo de Évora, 20 anos mais velho que Pastor e que dirigia a Foto *Nazareth* em Évora. Terá sido um dos seus mentores. Outra influência poderá ter sido a revista *LIFE*, que a partir de 1936 publica reportagens fotográficas de grande qualidade. Era uma das poucas fontes de fotografia de qualidade, acessível aos fotógrafos portugueses.

Em 1946, a realização de uma exposição individual, de grande dimensão, não era vulgar para um fotógrafo de 24 anos e mostra a tenacidade e a coragem com que Pastor enfrentava a sua relação com a fotografia.

Nesta exposição incluiu um conjunto significativo de 40 fotografias das atividades piscatórias em Sesimbra, mostrando embarcações, reparação e lavagem de redes, distribuição do peixe na praia para a lota, imagens com um sentido de geometria e de composição muito próprias. Hoje admiramos as fotografias da lota, a quadrícula dos peixes espalhados, sobreposta às figuras caminhando na areia, a lavagem das redes em pleno mar, de barco para barco. Muito observador e sensível ao



[Lota na praia dos Pescadores]
Sesimbra
[1943-1960]
PT/AMLSB/ART/001353

detalhe, Pastor mostra-nos como as boias de pesca, encostadas ao muro caiado, podem ter expressão humana. As imagens de Sesimbra serão como um ensaio para o seu trabalho de maior fôlego na Nazaré, na década de 1950.

[Boias de pesca]
Sesimbra
[1950 - 1970]
PT/AMLSB/ART/001840

Fotografia Agrícola

A par da sua atividade artística, Pastor desenvolve a sua atividade profissional, usando a fotografia como ferramenta de trabalho. Ingressa em 1950, no Serviço de Fomento e Inspeção Técnica da Batata-Semente, Direção Geral dos Serviços Agrícolas do Ministério da Economia, tendo sido colocado no Posto Experimental de Montalegre como Regente Agrícola tirocinante. Deste período temos as paisagens transmontanas, os nevões e os monumentos; mas a sua atenção rapidamente se centra no campo e na produção agrícola. Muda-se para Lisboa em 1953 e sugere a criação do Arquivo Fotográfico na Direção Geral dos Serviços Agrícolas. É da sua iniciativa a elaboração de um modelo de ficha descritiva, com imagem, para a classificação dos produtos e das atividades agrícolas. Este foi um trabalho de registo extensivo,

não só a fotografar, como a recolher dados e a preencher as fichas manualmente (com caneta de aparo), que hoje nos fornecem grande parte da informação de que dispomos sobre estas imagens. Estas fichas, encontram-se no Ministério da Agricultura, sendo no total cerca de 10.000. Pastor trabalhou intensamente, por todo o país, com maior produção nos anos de 1953, 54, 55 e 56 e de novo em 1962, 63, 64. Através das suas imagens percebemos a experimentação e investigação agrícola desenvolvida na Direção Geral dos Serviços Agrícolas. Pastor mostra-nos o laboratório químico agrícola na Tapada da Ajuda, as estações de fruticultura, estação de melhoramento de plantas de Elvas, o Posto de Culturas Regadias de Alvalade, as ações de divulgação agrícola (inserir imagem, ficha 379), a Estação Vitivinícola da Anadia, o Posto Experimental do Vale do Tejo de Salvaterra de Magos, o Serviço de Ensaio de Sementes, a Brigada Técnica da Região Agrícola de Évora, as diversas brigadas técnicas em atividade, a Estação Agronómica Nacional de Sacavém.

E contamos com as diversas tarefas agrícolas: as lavras, sementeiras, fertilização dos solos, apanha da batata, tiragem da cortiça, vindima e as indústrias agrícolas produção de azeite, produção de vinho, frutos secos, comercialização de frutos, os produtos agrícolas, cebolas, peras, maçãs, avelãs. Volvidos 60 anos, olhamos para estas imagens com a maior admiração, não só pela frontalidade e clareza, mas igualmente

Colbeita e embalagem de pêras destinadas ao mercado de Lisboa
 Anadia
 1954
 Ministério da Agricultura e do Mar
 Ficha nº 545

porque Pastor conservou, pela fotografia, um mundo que hoje morreu ou de que restam raros vestígios em Portugal. São imagens profissionais, técnicas, realizadas por Pastor sem aspirações artísticas ou expositivas. São o testemunho mais forte que nos deixou e as que mais atingem a nossa sensibilidade. Através delas olhamos hoje para o país, para descobrirmos quanto mudou. E também quão delapidado foi, nos últimos 30 anos, pelas sucessivas reformas, adesões europeias, tratados de cooperação, políticas agrícolas comuns.

Pastor não é um caso único nos levantamentos fotográficos de cariz cultural e patrimonial, que extravasam o objetivo com que foram realizados, para nos dar uma visão mais abrangente de territórios, de habitantes, usos e costumes.

Entre os que realizaram levantamentos referimos o trabalho de Michel Giacometti, executado desde final da década de 1950 e vindo até 1975. A pretexto da recolha de música popular, fotografou e filmou as zonas rurais e litorais de Portugal, recolhendo imagens de vida familiar, costumes, instrumentos musicais, habitações e paisagens temáticas, em muitos casos próximas de Pastor, extravasando a mera recolha musical. Giacometti diz que *à volta da música havia todo o resto dos costumes dos hábitos, das tradições e dos mitos*².

Outro levantamento fotográfico comparável foi produzido para a obra *Arquitetura Popular em Portugal*³, realizada entre 1955 e 1960, publicada nesse ano e reeditada mais tarde. Este levantamento contém também uma extensa imagética, de paisagem, vegetação, culturas, construção, que extravasam a mostra de arquitetura popular.

O livro Nazaré

Pastor revela-se um fotógrafo infatigável. Ao longo da década de 50, a sua atividade

² MICHEL GIACOMETTI: 80 anos, 80 imagens, Museu da Música Portuguesa, 1 de outubro de 2009 a 17 de abril de 2010. Cascais. Câmara Municipal, D.L. 2009.

³ Foram os seguintes os arquitetos que realizaram a obra *Arquitetura Popular em Portugal*: Zona 1, Fernando Távora, Rui Pimentel e António Menéres, Zona 2, Octávio L. Filgueiras, Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias, Zona 3, Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo, João José Malato, Zona 4, Nuno Teotónio Pereira, António Pinho de Freitas, Francisco Silva Dias, Zona 5, Frederico George, António Azevedo Gome, Alfredo da Mata Antunes, Zona 6 – Artur Pires Martins, Celestino de Castro e Fernando Torres.

continua, agora virada para a produção do livro *Nazaré*. As fotografias, reunidas em 1956 num exemplar único, são oferecidas à Rainha Isabel II, quando da sua visita a Portugal em 1957. A publicação vem depois, num volume com texto e um bom conjunto de fotografias, de bela impressão em gravura, valorizando assim a riqueza dos tons de cinza, destacando os negros profundos, ditos aveludados, deste processo de impressão. Das vestes negras das varinas à brancura dos muros caiados e à espuma do mar, Pastor consegue reproduzir e valorizar uma extensa paleta de tons de cinza, muito bem reproduzida, num livro que dá prazer folhear.

Nestas páginas encontramos imagens diversificadas, das atividades e das pessoas, a par de fotografar motivos pousados e preparados. Aqui encontramos algo de novo

[Regresso do mar]
Nazaré
[1954-1957]
PT/AMLSB/ART/002833

[Regresso do mar]
Nazaré
[1954-1957]
PT/AMLSB/ART/002901

na sua representação fotográfica, é mais realista, menos preocupada com o estilo pessoal, mais frontal na sua observação e representação da realidade. Pastor aparece mais próximo dos seus motivos, mais à vontade no meio das gentes que fotografa em plena atividade, no amanhar do peixe, na luta com o mar, no puxar das redes, nos momentos angustiantes de espera do regresso dos barcos e no esforço de lançar e recolher as embarcações a partir da praia, com homens, bois e cordas em comunhão de esforços. Pastor mostra-se interessado agora em transmitir uma imagem favorável, positiva do povo laborioso.

Dominando com plena mestria a sua Rolleiflex 6x6 cm, abundam as imagens instantâneas, dinâmicas, que não são ensaiadas, antes repetidas numa rotina diária de homens e animais, que o fotógrafo observa e acompanha durante meses. Em contraste com estas, Pastor insere outras imagens, preparadas com antecedência, de pescadores e varinas a posar, envergando as roupas típicas, imaculadamente limpas, que no seu aspeto impecável e na perfeição da composição, contradizem as restantes imagens. A única fotografia a cor do livro é a da capa, uma opção que podemos questionar: Pastor usava o preto e branco por preferência ou por falta de meios técnicos? A mensagem global do livro é muito clara: povo trabalhador, ordeiro, digno, orgulhoso das suas origens e tradições. Não são miseráveis, não são mandriões, não são vagabundos. Pastor é sempre positivo e construtivo na sua apresentação do mundo,

fotografia por amor é uma das linhas que o acompanha toda a vida. É por isso bem aceite pelo Estado Novo, sem estar diretamente envolvido ou comprometido. Nas suas fotografias estão ausentes os pedintes, os miseráveis, as construções decadentes ou abandonadas, embora existissem na Nazaré da década de 1950.

À espera do peixe
Nazaré
[1954-1957]
PT/AMLSB/ART/002811

[Varinas]
Nazaré
[1954-1957]
PT/AMLSB/ART/003106

Exatamente nesta época, em meados da década de 1950, Victor Palla e Costa Martins estão a palmilhar Lisboa e a captar, com outro sentido crítico, outra realidade da cidade e da nação. No final dos anos 50, Eduardo Gageiro sobressai no fotojornalismo, com as suas imagens de Lisboa, dos transportes às costas, dos saltimbancos atuando em Alfama e no Chiado, das varinas e estivadores nas docas de Lisboa, das peregrinações a Fátima, numa abordagem mais jornalística e irónica,

mas chegando a tocar no miserabilismo⁴. E Jorge Henriques percorre, aos domingos de manhã, as ruas e cais da Ribeira do Porto, produzindo um conjunto de imagens notáveis, incomparáveis, da cidade e dos seus habitantes, numa conjugação feliz de enquadramento, composição, luz, arquitetura e vida⁵. Poderemos citar outros nomes, como Sena da Silva e Gérard Castello-Lopes, que nesta época fotografaram isoladamente, ou em pequenos círculos de amigos. Não temos conhecimento de contactos entre eles e Artur Pastor. A década de 50, em Portugal, foi rica em produção fotográfica de boa qualidade. A fotografia portuguesa foi muito além dos concursos e dos salões, onde o regime pretendeu enquadrar a produção fotográfica. Foi também nesta década que a fotografia no mundo evoluiu, Robert Frank atravessou a América produzindo o livro *The Americans*⁶, inaugurando uma nova era na história da fotografia, com o seu olhar novo, irónico e crítico, que ao mesmo tempo chocou e encantou os Americanos.

Após a publicação do livro *Nazaré* em 1958, Pastor atinge o seu auge e prossegue em força com a observação das fainas piscatórias noutros locais do país. São desta década e até anteriores à publicação do livro *Nazaré*,

⁴ GAGEIRO, Eduardo – *Gente*. Lisboa: Editorial o Século, 1971??.

⁵ HENRIQUES Jorge; SERÉN, Maria do Carmo: *Manhãs de Domingo, Fotografias de Jorge Henriques*, Centro Português de Fotografia, Porto 2002.

⁶ FRANK, Robert. – *The Americans*. New York: Grove Press, 1959.

os trabalhos notáveis sobre os moliceiros da Póvoa do Varzim e da Apúlia, a festa de São Bartolomeu do Mar, que foram sendo publicadas em revistas internacionais e mostradas ocasionalmente em salões de fotografia. Em grande parte, todo este corpo de imagens de Artur Pastor, extra livro *Nazaré*, continua por descobrir.

[Entre a pesca e o descanso]
Póvoa do Varzim
[1943-1950]
PT/AMLSB/ART/011080

[Festa de Nossa Sr^a da
Assunção]
Póvoa do Varzim
1953
PT/AMLSB/ART/008512

O livro *Algarve*

Nos anos seguintes Pastor continua a fotografar para os Serviços Agrícolas e vai preparando a sua segunda publicação, *Algarve*, que chega ao público em 1965. Pastor abre assim a porta para mostrar esta região que é o grande amor da sua vida, a que foi fiel e fotografou sempre até ao final dos seus dias. O volume é impressionante,



Moldura de pétalas
Algarve
[1957-1964]
PT/AMLSB/ART/050583

com texto e fotografias do autor e onde insere desta vez algumas fotografias a cor.

O livro *Algarve* revela-nos um ponto de viragem dos seus interesses. É uma exploração visual daquele território, mostrando a diversidade das suas paisagens (da costa ao barrocal, da serra, às zonas agrícolas, das falésias ao mar) e das suas gentes (camponeses, pescadores), agora orientada para o aproveitamento das riquezas turísticas da região. Quando mostra os seus temas tão queridos, o homem e a natureza, as famílias, o seu trabalho, Pastor opta pelas atividades mais apelativas para o visitante, como a pesca artesanal, as atividades agrícolas primitivas, a realidade das pequenas explorações rurais, as vilas de menor dimensão. Neste contexto,

Pastor dá-nos um testemunho de um certo território, ficando-se sempre à distância da realidade profunda. Parece que não existem dificuldades, nem miséria, nem anos de seca, nem colheitas estragadas, nem saídas para o mar infrutíferas, numa representação muito harmoniosa, mas que sentimos por vezes um pouco teatral. A ideia é reforçada por alguns retratos preparados, afirmando (tal como no livro *Nazaré*), o povo digno, orgulhoso da sua vida e tradição. Os trajes típicos que ostentam, parecem-nos deslocados do meio envolvente, e destoam das restantes fotografias. Mas convém não perder a noção de que estamos a ver fotografias feitas há 50 anos e que a forma de “ver” era diferente. De facto, neste lapso de tempo, o mundo mudou. E também mudou a fotografia.

Trajo e tipo
Montenegro, Algarve
[1943-1945]
PT/AMLSB/ART/050239

Mais do que isso, o livro é uma mostra da sinceridade do autor. Ao longo deste desenrolar de imagens, é bem evidente que acredita profundamente no que nos está a dizer e a mostrar. Que a sua afirmação é absolutamente sincera e principalmente que o amor e dedicação ao seu país são

inexcedíveis. Não há aqui ironia, não há sarcasmo, não há vaidade, não há pretensões ou aspirações pessoais, que sentimos no trabalho de tantos outros fotógrafos. O livro é trespassado pelo deslumbramento infinito do autor pela sua região. A devoção à sua causa está estampada em todas as imagens. O texto do autor, que acompanha o livro dá grande relevo à necessidade de desenvolver os potenciais turísticos daquela região, sugerindo a construção de hotéis, a criação de programas de pesca costeira, a urbanização de algumas zonas não exploradas e também a abertura de discotecas que proporcionem ao visitante do Algarve animação e atividades desportivas. O texto foi escrito há cinquenta anos. Conhecendo hoje o resultado deste desenvolvimento, realizado muitas vezes sem grande respeito pela região e conduzindo à degradação das belezas que Pastor enaltece, parece-nos que encerra uma ironia do destino. Esquecendo este aspeto é de referir que todo o texto é de uma grande beleza poética e merece ser lido com cuidado. Pastor mostra-nos aqui que é um autor, também no sentido da palavra escrita:

«A luz é quase uma alucinação. Desvenda-nos um panorama de estonteantes sensações. A atmosfera é de uma deslumbrante nitidez. O longe é próximo, a visão completa. A pureza reconfortante do ar parece alimentar-nos. Ao respirarmos uma nova e balsâmica força nos tonifica». PASTOR, Artur – *Algarve*. p. 25.

E, pela noite fora, parecem ouvir-se longínquos chamamentos de sereias, trazidos pelo vento brando. Ilusão que cimenta lendas estranhas, enquadradas

no cenário irreal. Sim, todo o litoral Algarvio é uma apoteose de beleza. Ibidem, p. 26.

O livro *Algarve* é muito bem recebido pela crítica e Pastor é felicitado pelas mais altas personalidades, até recebe um cartão manuscrito de Salazar, felicitando o autor⁷. O seu trabalho é bem aceite pelo Estado Novo e adequa-se à ideia que se quer oficialmente dar de Portugal, país tranquilo, ordeiro, arrumado, povo feliz, com longas tradições. Esta coincidência de pontos de vista não reduz o valor do trabalho produzido.

A exposição de 1970

Depois de *Algarve*, Pastor continua a trabalhar como sempre, incansável. Em dezembro de 1970, inaugura no Palácio Foz, em Lisboa, a sua grande, *exposição de fotografias de Artur Pastor*, com 320 fotografias a preto e branco e 40 fotografias a cor. Algumas imagens são criteriosamente selecionadas a partir da sua primeira exposição de 1946, muitas outras são inéditas, produzidas entretanto.

Nesta exposição Pastor define perfeitamente o que pretende. O seu olhar, já mais amadurecido, encaixa-se no realismo, mais comprometido com o estabelecido e com a divulgação de uma certa imagem de Portugal. A exposição mostra-nos imagens de todo o país e tocando em várias temáticas,

⁷ Ver neste catálogo, SARAIVA, Ana: A vida do Franco Atirador: Artur Pastor, seis décadas de fotografia, contributo para uma biografia.



Estendal
Santarém
[1950-1970]
PT/AMLSB/ART/050924

como a paisagem, a arquitetura, as pescas e a agricultura.

Neste lapso de tempo, a sua visão modificou-se, evoluiu, tornou-se mais precisa: enquanto na primeira grande exposição de 1946 Pastor oscila entre uma visão pictoralista romântica e uma tendência realista, na exposição de 1970 ele já não hesita. Mostra-nos que sabe perfeitamente o que quer. Tem uma aproximação de Portugal mais épica, mas realista, mais politizada e mais consciente socialmente. Sentimos que tem uma mensagem a passar com as suas fotografias:

Equilibrio
Beira Litoral
[1950-1970]
PT/AMLSB/ART/050687

[Lavadeiras]
Nazaré
[1954-1957]
PT/AMLSB/ART/003283

quer glorificar o seu País, quer enaltecer o seu povo, na mesma atitude apaixonada, que mantém desde o primeiro disparo. Fá-lo com as imagens do mundo rural, da pesca artesanal, do mundo do trabalho mais simples, das atividades populares mais primárias, como as lavadeiras no rio, as crianças brincando na rua, os feirantes, ou os fiéis desfilando nas procissões e romarias. Aqui também associadas com as imagens da arquitetura popular e do património construído. A imprensa gosta, faz grande alarido e são inúmeras as referências que surgem em jornais, transformando esta exposição num grande evento nacional, também ideológico, do Estado Novo. Contudo, os seus conceitos ideológicos iam muito para lá do estabelecido e Pastor mantém-se sempre independente, não

comprometido e a uma certa distância do poder. Várias vezes foi solicitado para fazer a cobertura de eventos oficiais e sempre se escudou a tal. O momento de rutura dá-se quando, após o sucesso da exposição do palácio Foz, lhe é proposto repetir a mostra no Brasil, com a condição de retirar algumas fotografias comprometedoras. Artur Pastor recusa e a exposição no Brasil fica sem efeito⁸.

É interessante ver também a evolução da forma como imprime e como apresenta as suas imagens, desde a exposição de 1946, realizada 24 anos antes. Pastor optou por papel brilhante de cloro brometo de prata, exprimiu em tons quentes o preto e branco das imagens, mostrando e redescobrimdo as imagens iniciais de Pastor, de forma magnífica. A linguagem pictórica é totalmente diferente. As dimensões das provas crescem, para 40x50 e algumas 50x60 cm, as imagens são um festival de detalhe, de uma riqueza tonal impressionante. Este conjunto de provas de autor, agora expostas no Arquivo Fotográfico constituem um verdadeiro prazer para os olhos também pelos seus tons quentes e generosos e pela riqueza de reprodução dos tons. Foram impressas por António Paixão (1915-1986), nos laboratórios Filmarte, em Lisboa. Paixão, além de fotógrafo amador, era o grande impressor, a quem os fotógrafos amadores confiavam os seus negativos, para participar em salões. A forma como imprimiu marcou uma geração de fotógrafos, nos anos 50,

⁸ informação transmitida por Artur Pastor filho.

60 e 70, com o cunho da suavidade, da revelação de todas as tonalidade de cinza, de uma extensa gama tonal. Paixão merece ser mencionado como co-autor, impressor de trabalhos em fotografia, pois à qualidade das suas impressões se devem muitos dos sucessos dos fotógrafos desta época. Também nas fotografias de Pastor, que não trabalhava na câmara escura, a qualidade das impressões de Paixão é bem evidente.

A exposição sobre Lisboa em 1986

Em Junho de 1986, Pastor inaugura uma exposição individual, no Palácio Galveias, *Apontamentos de Lisboa, Exposição de Fotografias de Artur Pastor*. Desta exposição temos pouca informação, apenas um folheto publicado por Pastor, que refere “100 fotos a cores e 30 a preto-branco” e alguns recortes de jornais da época. No seu fundo encontram-se muitas provas a cores, de grande formato, coladas em cartolinas algumas de Lisboa, mas que não estão identificadas como fazendo parte desta exposição. Não temos meios para identificar este conjunto de fotografias, expostas apenas por iniciativa do autor, com algum apoio da Câmara Municipal de Lisboa. O folheto publicado com grande economia de meios é apenas uma fotocópia A4, com uma breve apresentação do fotógrafo, sem referência às provas expostas ou à cidade, ou ao seu ponto de vista sobre a cidade ... Pastor faz aqui o seu testemunho, apresentando-se como “fotógrafo amador” e referindo⁹ que *há cerca de 40 anos que a fotografia constitui a sua*

maior paixão, aliada a atividades profissionais, literárias, etc. Pastor quer destacar a sua independência, referindo expressamente, falando de si próprio:

Sempre “Franco-atirador”, tudo que fotografou realizou-o por sua iniciativa, não beneficiando de quaisquer auxílios. Nunca se apoiou noutros fotógrafos, nem imitou escolas ou tendências. Tão pouco usufruiu de grupos de proteção e de propaganda. O que fotografou, escreveu legendou, programou, foi somente seu, nascido da sua cultura e sensibilidade. Apontamentos de Lisboa, Exposição de Fotografias de Artur Pastor.

E acrescenta depois, de forma muito significativa:

Os seus temas são os aspetos portugueses genuínos, na sua beleza e veracidade, adverso que é da exploração das carências sociais, e do sofrimento. *Ibidem*

Últimos trabalhos

Navegando através dos negativos e provas do seu fundo, vemos que Pastor continua sempre a fotografar, mesmo quando não produz livros ou exposições. A sua reforma, em 1 de Agosto de 1983, deixa-lhe tempo livre, para sonhar, viajar e preparar mil e um projetos, visando sobretudo a publicação de livros sobre vilas e cidades de Portugal.

Nesses últimos 16 anos, Pastor percorre o país de lés a lés, agora com a sua Nikon, munida de rolo negativo a cor, em demanda de monumentos, pormenores arquitetónicos,

⁹ Folheto da exposição no Palácio Galveias, Apontamentos de Lisboa, Exposição de Fotografias de Artur Pastor, 1986.

paisagens, feiras, romarias e pessoas, direcionado para o registo ilustrativo e turístico, com o objetivo de publicar. Não há portal Manuelino ou pelourinho que não registe na sua passagem. Os seus pacotes de negativos estão repletos de notas manuscritas, indicando os locais e as datas em que fotografou e também muitas orientações para o impressor (brancos puros, cores saturadas, negros fortes, etc.), bem como as suas apreciações pessoais sobre as imagens (boas para o livro..., com interesse, voltar e repetir com outra luz, sem interesse...), que nos revelam uma atividade frenética, incansável de escolha e avaliação de imagens e preparação de exposições, numa sofreguidão de tudo capturar, tudo registar e tudo guardar...

*Não há memória de um dia longe da atividade fotográfica e teve a felicidade de a ter praticado até aos seus últimos momentos de vida*¹⁰.

O seu fundo regista deste período milhares de imagens, de todo o país, com destaque para Ponte de Lima, Braga, Guimarães, Aveiro, Porto, Lisboa, Óbidos (maior incidência no norte de Portugal) e claro o Algarve, sempre o Algarve, agora com belos detalhes das falésias e praias e também dos equipamentos turísticos modernos. A par da produção de imagens, a documentação que constitui o seu fundo denota um enorme esforço de produção de provas, que encomendava aos laboratórios comerciais

em Lisboa, em grande quantidade. Dizia que apenas ampliando podia apreciar e escolher bem as suas imagens. O seu último trabalho foi a *Expo 98*, que visitou inúmeras vezes e fotografou panoramas, pavilhões, espetáculos e outros acontecimentos.

Os livros que então planeou fazer e de que produziu maquetas e legendas, acabaram por não ser publicados. Nem um único, apesar da sua atividade intensa, a fotografar, a imprimir, mas igualmente a divulgar: escrevendo cartas, lançando inúmeras propostas de publicação, pedidos de apoio, multiplicando os contactos e as iniciativas para editoras, organismos de estado e até da igreja (ver texto de Ana Saraiva: *A vida do Franco Atirador: Artur Pastor, seis décadas de fotografia, contributo para uma biografia*). Destes contactos nada resultou. Mas Pastor nunca se cansou e continuou sempre. Fotografou quase até ao último dia da sua vida, tendo visitado Londres, com a família e a sua câmara fotográfica, poucos dias antes de falecer em 17 de setembro de 1999.

Passados 56 anos da publicação de Nazaré e passados 43 anos da exposição no Palácio Foz, a obra de Artur Pastor foi praticamente esquecida. Nos estudos e publicações dos últimos anos, que referem a Fotografia Portuguesa dos anos 50 e 60, nas histórias da fotografia em Portugal, que entretanto foram sendo publicadas, Pastor é sistematicamente ignorado ou é escassamente referido.

Os atuais teóricos, críticos ou historiadores da fotografia portuguesa e os praticantes da

¹⁰ Ver neste catálogo o texto de Artur Pastor filho.

linguagem dos ismos (salonismo, realismo, pictoralismo, naturalismo, modernismo, surrealismo, neorrealismo), que enaltecem sistematicamente os mesmos fotógrafos, Sena da Silva, Victor Palla, Fernando Lemos ou Gerard Castello-Lopes, deixam de lado a obra de Pastor, tratando-o como sendo um salonista de segunda ordem.

Não encontramos justificação para deixar este gigante da fotografia portuguesa arredado e ignorado. A sua obra pode ser considerada menos vanguardista, ou talvez demasiado formal e carente de ironia ou sentido crítico. Mas é inegável que encerra um tremendo saber e sobretudo uma dimensão humana e uma riqueza impressionantes. Esta obra está em grande parte por descobrir. Estamos certos que o tempo vai encarregar-se de fazer justiça, colocando a obra de Artur Pastor no lugar que merece na história da fotografia portuguesa.

A disponibilização ao público das suas fotografias, através do Arquivo Municipal de Lisboa, vai contribuir, para que muitos outros venham a conhecer, consultar, estudar e beneficiar deste monumental corpo de imagens. O trabalho de Artur Pastor vai deixar marca nas próximas gerações de fotógrafos.

[Jovens nadando]

Póvoa do varzim

[década de 1950]

PT/AMLSB/ART/008534
